

‘VIVA LA VIDA, VIVA LA MUERTE’: Uma abordagem folkcomunicação da celebração do Dia dos Mortos no Equador ¹

‘VIVA LA VIDA VIVA LA MUERTE’: A Folkcommunication approach to the celebration of the Day of the Dead in Ecuador

Karina Janz Woitowicz ²

***Resumo:** A partir da perspectiva teórica da folkcomunicação e da metodologia etnográfica, o trabalho oferece um registro das práticas culturais e comunicacionais realizadas no Dia dos Mortos na comunidade de Calderón, na capital do Equador. Destaca-se o significado das tradições de caráter religioso para a comunidade em questão e o sentido sincrético das celebrações, que misturam referências da cultura indígena com as marcas do artesanato e da culinária local. Analise-se, portanto, os modos de transmissão e recriação da cultura viabilizados em meio às dinâmicas da comunicação popular.*

***Palavras-Chave:** Cultura popular. Folkcomunicação. Dia dos mortos. Etnografia.*

Introdução

As festividades religiosas constituem um objeto valioso para a análise cultural. Na trajetória de pesquisa em folkcomunicação (MELO, 2008), diversos estudos enfocaram as manifestações folclóricas e as práticas de devoção como fenômenos comunicacionais. O presente trabalho, ao direcionar o olhar para as tradições populares presentes nas celebrações do Dia dos Mortos na comunidade rural de Calderón, na região norte da capital do Equador (Quito), apresenta um objeto original de estudo marcado por referências sincréticas da cultura latino-americana.³ A abordagem contempla os processos de comunicação desenvolvidos no interior da cultura popular, que constituem práticas de resistência em meio à sociedade midiaticizada.

A preocupação em produzir o registro das manifestações culturais populares, a partir de pesquisa de campo, acompanhou a trajetória do pesquisador brasileiro Luiz Beltrão (2001)

¹ Trabalho apresentado à DTI 13 – Folkcomunicação do XVI Congresso IBERCOM, Facultad de Comunicación y Lenguaje, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 27-29 de novembro de 2019.

² Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa/Brasil. Pós-doutora pelo Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL). Bolsista produtividade em extensão tecnológica pela Fundação Araucária. E-mail: karinajw@gmail.com

³ A pesquisa foi realizada durante o estágio de pós-doutorado no Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL), realizado no período de agosto a dezembro de 2018.

em sua observação dos meios informais de comunicação protagonizados pelos grupos sociais. Na trajetória da pesquisa em folkcomunicação, o uso da etnografia revela-se um recurso amplamente utilizado para a observação das manifestações populares. Dos primeiros registros - de caráter descritivo, oriundos dos estudos de folclore - às análises orientadas para a identificação de padrões culturais a partir das relações entre a cultura popular e massiva, o ‘exercício de ver’ foi tomado como fundamento para os estudos de folkcomunicação. Tal perspectiva constitui a principal base teórica deste trabalho, que também dialoga com abordagens dos estudos culturais latino-americanos, em especial no que se refere às mediações presentes nas práticas comunicacionais (MARTÍN-BARBERO, 2006).

A base metodológica para a realização do trabalho de campo situa-se em Yves Winkin (1998), José Guilherme Cantor Magnani (2002) e em estudos empíricos baseados na etnografia e nas pesquisas em folkcomunicação. O exercício de observação oriundo da etnografia – denominado como um “olhar de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) - remete à possibilidade de valorização de abordagens interpretativas na descrição de ambientes, comportamentos e práticas sociais.

Com base no referencial teórico-metodológico descrito, realizou-se o acompanhamento da celebração do Dia dos Mortos em 2 de novembro de 2018 na comunidade de Calderón (Equador), com o propósito de sistematizar as percepções resultantes da observação das práticas culturais presentes no local. O costume de reunir familiares e amigos em torno do túmulo de um falecido, com a presença de música e pratos típicos, remete a um modo de celebração festiva da morte. Elementos da cultura popular se fazem presentes em meio à multidão de pessoas que circula pelo cemitério, como a tradicional “guagua de pan” (pão doce decorado em forma de criança, que no idioma *quichua* leva o nome de “guagua”) e a “colada morada” (bebida equatoriana preparada com farinha de milho preta e frutas diversas). Calderón é também uma referência na produção artesanal de esculturas de Mazapán, técnica secular que consiste na utilização de uma mistura de massa de pão para a confecção de figuras detalhadas, que iniciou com a tradição de presentear as pessoas com a imagem de uma “guagua” no dia 2 de novembro.

Entre os resultados, destaca-se o significado das tradições de caráter religioso para a comunidade em questão e o sentido sincrético das celebrações, que misturam referências da cultura indígena com as marcas do artesanato e da culinária local, de forma sincrética. Analisa-

se, portanto, os modos de transmissão e recriação da cultura viabilizados em meio às dinâmicas da comunicação popular.

Folkcomunicação e pesquisa etnográfica: olhares sobre a cultura

A abordagem etnográfica foi apropriada, ao longo do tempo, por diferentes áreas do conhecimento, passando a representar parte significativa das análises envolvendo comunicação e cultura, em especial aquelas ligadas à Escola de Chicago⁴, no início do século XX, e de Palo Alto⁵, a partir de 1950, bem como os estudos de audiência, que ganham força nos Estados Unidos e na América Latina a partir dos anos 1980. No contexto brasileiro, os estudos de recepção e de folkcomunicação permitiram incursões no trabalho de campo e contribuíram para o questionamento de abordagens deterministas em torno da hegemonia da mídia, à medida que descobriram variados usos e apropriações pelos indivíduos e grupos sociais.

A preocupação em produzir o registro das manifestações culturais populares, a partir de pesquisa de campo, motivou o trabalho de pesquisadores brasileiros como o folclorista Luís da Câmara Cascudo (2001; 2002), que registrou inúmeras lendas e tradições populares de diferentes regiões do Brasil diretamente da ‘boca do povo’.⁶ Luiz Beltrão (1971; 2001), ao reconhecer os processos comunicacionais inerentes às manifestações da cultura popular, também se dedicou ao trabalho empírico de observação dos meios informais de comunicação protagonizados pelos grupos sociais.

Mesmo que os estudos de folkcomunicação, desde seu surgimento nos anos 1960 com Luiz Beltrão, não possam ser traduzidos como ‘pesquisas etnográficas’, não há dúvida de que se aproximam de determinadas estratégias e ferramentas metodológicas oriundas da antropologia cultural. A observação detalhada de lugares, a descrição de fenômenos culturais tais como festas e folguedos populares, as práticas realizadas em celebrações e rituais característicos de determinada cultura, entre outros aspectos, se revelaram desde muito tempo um terreno fértil para a pesquisa em folkcomunicação.

⁴ Pesquisadores vinculados à Escola de Chicago, desde o início do século XX, desenvolveram a ideia da interação simbólica entre as pessoas como fundamento do processo de comunicação.

⁵ A Escola de Palo Alto (Filadélfia), conhecida como “Colégio invisível”, propôs uma leitura comunicacional da sociedade, a partir das contribuições de pesquisadores de diferentes áreas, sobretudo da Antropologia.

⁶ No livro *Geografia dos mitos brasileiros* (CASCUDO, 2002), o folclorista apresenta mais de 100 assombrações tais como o saci, o lobisomem, o curupira, a mula-sem-cabeça e diversos personagens que povoam a imaginação popular. Em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro* (CASCUDO, 2001), são descritas, em forma de verbetes, centenas de manifestações tradicionais do Brasil.

Pode-se dizer, com isso, que a concepção antropológica de cultura, baseada no relativismo e no reconhecimento da pluralidade das culturas (SANTAELLA, 2003), é assumida pelas pesquisas de folkcomunicação, que se ocupam dos fenômenos culturais como expressões comunicacionais produzidas em meio às interações e às relações com os veículos midiáticos.

Ao apresentar metodologias usadas na pesquisa em folkcomunicação, José Marques de Melo (2008) destaca o roteiro metodológico proposto para investigação das festas populares⁷, de modo a “descrevê-las e interpretá-las enquanto processos comunicacionais”. Para tanto, propõe a combinação entre o método da observação e o método comparativo (2008, p. 80). Para o primeiro, toma como referência a pesquisa etnográfica associada a procedimentos peculiares à folkcomunicação, reforçando a importância do uso do diário de campo para o registro das observações. Do mesmo modo, na proposta de um roteiro investigativo para a análise da comunicação dos pagadores de promessas⁸, Marques de Melo (2008, 87-88) propõe a observação e a descrição das manifestações feitas pelos fieis em santuários, romarias e outros espaços de devoção (com possibilidade de uso de entrevistas), associadas ao inventário dos objetos encontrados nos locais de prática religiosa popular.

Diversos pesquisadores de folkcomunicação, à semelhança dos estudos sistematizados por Melo, utilizam a observação no trabalho de campo (TRIGUEIRO, 2008; WOITOWICZ, 2012; SILVA e CARDIAL, 2011) para análise de manifestações da cultura popular, muitas delas perpassadas pelas expressões midiáticas. Destaca-se o trabalho de Trigueiro (2008), que realizou pesquisa empírica sobre a televisão e o cotidiano das comunidades rurbanas⁹, identificando múltiplos processos de interação realizados pela audiência.

O autor remete ao conceito de mediação como uma “operação de negociação entre duas ou mais partes do processo de comunicação” que, “para ser efetuada necessita de diferentes níveis de interações sociais” (TRIGUEIRO, 2008, p. 32-323). Orientado pela abordagem teórica de Jesús Martín-Barbero (2006)¹⁰, que propõe o deslocamento do olhar sobre os meios para as interações perpassadas pela mídia, Trigueiro analisa o uso social dos meios e os processos de apropriação midiática pelas comunidades no contexto das ‘rurbanidades’.

⁷ Pesquisa coletiva realizada por ocasião da IV Conferência Brasileira de Folkcomunicação (Campo Grande, 2001).

⁸ Pesquisa coletiva realizada por ocasião da VIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação (Teresina, 2005).

⁹ Termo utilizado por Gilberto Freyre em 1982 e apropriado pelo autor para caracterizar os contextos híbridos entre o rural e o urbano.

¹⁰ Martín-Barbero (2006) considera o cotidiano familiar, a temporalidade social e a competência cultural na sua caracterização dos processos de mediação.

São várias as zonas de mediações, mas os processos de comunicação e da dinâmica cultural são acelerados pelas redes midiáticas e recriam novas instâncias de negociações entre a produção e a emissão de bens simbólicos. (TIGUEIRO, 2008, p. 32)

A respeito dos ‘usos dos meios’, Yuji Gushiken (2008, p. 03) observa que esta abordagem se traduz “nos modos como a cultura passa a interferir como mediação social nos processos comunicacionais”. De acordo com o autor,

A perspectiva dos “usos midiáticos” aponta para outros aspectos, o que inclui os modos como distintos atores sociais reinventam circuitos comunicacionais e culturais como estratégias de produção, circulação e consumo de outras informações, outras ideias, outros saberes, outras epistemes, no mundo contemporâneo. Quando se trata de comunicação, certamente que esses processos de produção de subjetividade demandam novos modos de escuta social. (GUSHIKEN, 2008, p. 12)

Ao dialogar com a perspectiva das mediações, os estudos folkcomunicacionais valorizam os processos de diálogo e troca inerentes às práticas culturais, mobilizando atores sociais que se situam à margem ou no centro dos processos midiáticos. Esta abordagem, que atribui papel ativo aos praticantes culturais ou agentes folkcomunicacionais, sustenta a observação sobre o potencial de interação social por diferentes grupos e comunidades.

Estas abordagens conceituais se revelam pertinentes, neste artigo, para orientar uma leitura folkcomunicacional em torno das práticas religiosas presentes na celebração do Dia dos Mortos, tradição muito presente em países da América Latina que se caracteriza pela mistura de referências da cultura indígena com aspectos da religiosidade católica. No Equador, embora seja possível reconhecer práticas semelhantes ao culto aos mortos existentes em países como o México (BOTELHO; GOBBI, 2019), há especificidades que envolvem o processo de realizar visitas e vigílias aos cemitérios, onde são levadas, além de flores, comidas tradicionais para compartilhar com os mortos. Trata-se de um processo de troca comunicacional por meio da cultura que se elabora e se perpetua por meio de uma tradição oral, que se insere gradativamente nas dinâmicas comerciais e culturais do país.

Perspectivas culturais na comunicação com o mundo dos mortos

Pode-se questionar os limites de um estudo que se propõe a observar elementos de uma prática cultural a partir de um tempo restrito de trabalho de campo - como o dia em que acontecem as celebrações do Dia dos Mortos, em 2 de novembro. Contudo, mesmo

reconhecendo as dificuldades próprias de qualquer tentativa de ‘tradução’ cultural, como acontece quando um(a) pesquisador(a) se insere em um contexto diferente daquele de origem, pode-se buscar elementos de aproximação para melhor interpretar as marcas de uma cultura. Para Borges e Nercolini (2002, s/d),

A tradução cultural implica um contato cultural profundo entre duas ou mais culturas. Aproximar-se e deixar-se tocar pelo desconhecido, mesmo correndo-se o risco do enfrentamento, do conflito, parece ser uma maneira mais profícua e certamente mais trabalhosa de tradução cultural.

Considera-se, portanto, que a apropriação de técnicas oriundas da pesquisa etnográfica pode oferecer ganhos qualitativos na observação dos fenômenos sociais. Isso justifica a pertinência de promover exercícios de observação de um lugar com o propósito de identificar comportamentos ou ‘padrões’ que caracterizam uma cultura.

Ao entender a cidade como um ‘reservatório de comportamentos’, Winkin (1998) propõe uma sistematização das observações que remete ao trabalho cartográfico realizado por Robert Park. A transcrição em mapas espaciais e temporais permitiria o conhecimento do ambiente e das práticas desenvolvidas em determinado lugar. Segundo a definição de Winkin (1998, p.132): “arte de ver, arte de ser, arte de escrever, são estas três competências que a etnografia evoca”.

José Guilherme Cantor Magnani (2002) diferencia o “olhar de perto e de dentro” assumido pela pesquisa etnográfica do “olhar de fora e de longe” próprio das análises de caráter mais quantitativo, destacando as contribuições do primeiro para a análise dos fenômenos sociais. Aposta, assim, na tentativa de “captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números” (MAGNANI, 2002, p. 16).

Entende-se que este olhar singular sobre a cidade é capaz de revelar determinados códigos e marcas presentes na cultura. A pesquisa sobre o Dia dos Mortos no Equador baseou-se neste propósito, ao reconhecer a presença e até mesmo a apropriação de símbolos da tradição de celebrar os defuntos no comércio da capital, ainda no mês de outubro. Este foi o ponto de partida para o interesse em buscar as expressões desta data no cotidiano dos equatorianos, o que levou ao conhecimento sobre os principais pratos típicos do país e os modos de celebrar a morte, que aparecem nas próximas páginas por meio de fotografias e relatos oriundos de pesquisa de campo, bem como consulta a fontes de informação sobre o tema.

Comida e artesanato, expressões da cultura e da devoção popular

Os principais produtos referentes à tradição do Dia dos Mortos são a *colada morada* e a *guaga de pan*. A colada morada é uma bebida produzida à base de milho negro, com diversas frutas (amora e outras frutas silvestres como o ‘mortiño’, própria dos Andes, além de frutas tropicais como ‘naranjilla’ e ‘piña’ e o ‘babaco’, cultivado em grandes altitudes), que possui sabor único, resultado da mistura de tantos ingredientes. As *guaguas de pan* são pães doces feitos com farinha e açúcar, em forma de bebê envolto em uma manta e decorado com delicadeza.

Estes pratos típicos fazem parte do cardápio das comemorações realizadas em diversos espaços (familiares e profissionais), como forma de compartilhar uma tradição. Instituições, empresas, universidades e diversos outros ambientes celebram a véspera do Dia dos Mortos com o consumo destes produtos. Além do momento coletivo em que ocorre o ritual de comer e beber ao lado de colegas e amigos, é possível observar que a *colada morada* e a *guaga de pan* são comercializadas em redes de panificadoras, supermercados e diversos estabelecimentos, conforme as imagens que seguem, localizadas na região central de Quito (Panificadora Ambato) e em uma comunidade periférica (Panificadora Dumbo), onde os produtos são vendidos a preços populares:

Imagens 1 e 2: Anúncios de venda de produtos típicos em estabelecimentos locais



Fonte: A autora

Embora a comercialização destes produtos ocorra muito antes do Dia dos Mortos, cria-se um efeito de “agendamento” da tradição. Além de oferecer em copos ou garrafas o produto, as panificadoras inovam inserindo nas tradicionais *guaguas de pan* recheios diferentes como doce de leite, amora e outras frutas, que recebem decoração artesanal. No Dia dos Mortos, é possível encontrar a tradição andina no comércio de rua e nas proximidades dos cemitérios, com a oferta de *guaguas de pan* com decoração mais rústica, produzidas em fornos a lenha por mulheres de comunidades indígenas.

Imagens 3 e 4: Comércio de *guaguas de pan* nas proximidades do cemitério em Calderón



Fonte: A autora

As *guaguas de pan* deram origem a uma importante expressão do artesanato local na comunidade de Calderón. As figuras de *mazapán* guardam analogia com as *guaguas* e estão relacionadas ao ritual da morte, pois significavam a prolongação da vida e eram dadas pelos padrinhos aos seus afilhados no Dia dos Mortos. De ritual a ser consumido em uma data especial, o produto tornou-se o principal artesanato comercializado no lugar e é hoje uma referência no Equador, especialmente as figuras em forma de *guaguas*. É o que explica o texto “Artesanías de masapán, emblema de Calderón”, publicado no site *Joyas de Quito*:

Hace aproximadamente 100 años la pieza comestible se trasformó en un objeto decorativo, pues resultaban tan agradables las figuras que daba pena comérselas. Su realización se ha constituido en una herencia familiar que a pesar de ya no representar un negocio rentable aún se transmite de generación

en generación. El proceso es bastante laborioso desde la elaboración de la masa, se necesita: harina de trigo, maicena, titanio, goma blanca y antimoho; después se cocina la masa, se moldea la figura, entra al horno y finalmente se le pasa laca. Es preciso aclarar que el masapán presenta tres peculiaridades: se trabaja con harina de trigo, sus figuras tienen forma plana y poseen brillo; existe otra técnica parecida pero trabajada con maicena y goma en un satén de teflón, pero con ella se trabaja todo tipo de formas y no posee brillo, el producto es mate.

Em Calderón, a Unión Artesanal de Productores Progresistas de Mazapán mantém um centro para comercialização das produções dos artesãos e artesãs, que agregaram valor turístico por serem as únicas elaborados a partir da técnica com farinha. Além da figura da boneca (*guagua*), também é possível encontrar representações do folclore indígena (EL TELÉGRAFO, 2018), animais e uma diversidade de objetos que remetem a personagens míticos do Equador.

Imagem 5: Artesanato de mazapan em forma de guagua



Fonte: A autora

No que se refere à comida, outros pratos típicos também marcam presença na tradição do Dia dos Mortos. Um deles, que costuma ser consumido nos cemitérios pelos parentes e amigos da pessoa falecida, é a *uchucuta*. “Era la uchucuta originalmente el plato que preparaban los indígenas para acompañar con guaguas de pan los rituales funerarios que realizaban. Esta sopa hecha de maíz, papa, fréjol, arveja, achiote y col” (LA HORA, 2018). Com a adaptação das celebrações indígenas às comemorações religiosas de origem católica, as

comidas foram se modificando, mas em comunidades mais tradicionais o hábito de compartilhar esta sopa se mantém.

Também os *churos*, prato tradicional da serra equatoriana, são encontrados com maior evidência nas celebrações do Dia dos Mortos. Semelhante a um tipo de molusco, que se desenvolve mais em tempos chuvosos e no inverno e se encontra debaixo da terra em regiões altas, o *churo* é preparado como um *ceviche*, com cebola e limão. Em torno dos cemitérios, a venda da comida, muitas vezes acompanhada de milho frito, se intensifica com os rituais para os defuntos.

Imagens 6 e 7: Comércio de *churo* nas ruas da comunidade de Calderón



Fonte: A autora

Estes elementos relativos às práticas comensurais constituem o contexto onde se desenvolve a celebração do Dia dos Mortos, uma vez que carregam significados próprios da cultura equatoriana. Para Henrique S. Carneiro (2005, p. 71),

Comer não é um ato solitário ou autônomo do ser humano, ao contrário, é a origem da socialização, pois, nas formas coletivas de se obter a comida, a espécie humana desenvolveu utensílios culturais diversos, talvez até mesmo a própria linguagem.

Sabe-se que há semelhanças com produtos existentes em outros países da América do Sul, seja pela proximidade geográfica ou pela identidade cultural andina. Todavia, como a pesquisa não se propõe a analisar as semelhanças ou a desvendar as singularidades, busca-se

apenas registrar e sistematizar as marcas principais que se fazem presentes no cotidiano da capital do Equador, a partir de percepções que revelam a riqueza das tradições culturais de origem indígena e os processos de incorporação aos hábitos de grande parte dos equatorianos.

A celebração do Dia dos Mortos: práticas e costumes

O Dia dos Mortos (ou de Finados, ou dos ‘Fieles Difuntos’, que coincide com a data cristã de celebração do Dia de Todos os Santos) - reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como patrimônio imaterial - é marcado no Equador por rituais em diversos cemitérios, principalmente os mais antigos. Em Quito, as aglomerações no centro histórico se intensificam diante do hábito de realizar missas e orações para os entes ausentes e levar flores em sua memória, além da comercialização e consumo de produtos típicos como *guagua de pan* e *colada morada*, já mencionados neste trabalho.

A opção por buscar as celebrações mais tradicionais da capital do Equador no dia 2 de novembro levou ao conhecimento de um lugar onde os rituais indígenas apresentam sua força: a comunidade de Calderón. A realização de missa e procissão, inserida nos cultos católicos, mistura-se com as visitas regadas a música e comida nos cemitérios, quando certas tradições indígenas do culto aos mortos são executadas.

Imagem 8: Cartaz de divulgação das celebrações do Dia dos Mortos



Fonte: A autora

Além da comercialização de comidas típicas oferecidas aos mortos, o entorno do cemitério de Calderón se transforma, no Dia dos Mortos, em uma grande feira onde são vendidas flores, coroas de flores de plástico, pratos variados, ervas tradicionais, artesanatos e diversos outros produtos.

Imagens 9 e 10: Comércio nos arredores do cemitério de Calderón



Fonte: A autora

No interior do cemitério, durante todo o dia, famílias inteiras encontram-se ao redor das tumbas, com rezas e também cantorias, conservando costumes populares da localidade. O texto “Calderón vive una fiesta en el día de los difuntos”, publicado em *El Universo* (2017) descreve a sensação de quem visita o local e se depara com a particularidade do ambiente e das práticas culturais ali presentes:

El Día de los Difuntos este lugar, caracterizado por el polvo y el viento, se vuelve multicolor, con muchos adornos: de las cruces de las tumbas cuelgan coronas de papel que lucen por lilas, rojas, azules..., las cruces - una junto a otra- dan la impresión de estar entrelazadas.

O sol forte, o vento intenso e a poeira levantada das tumbas fazem parte do cenário das celebrações. Entre as pessoas que participam dos rituais, fica evidente a presença indígena, representada nos modos de vestir (lenços, tranças e chapéus) e nos objetos que carregam. As imagens a seguir são registros da visita ao cemitério durante o Dia dos Mortos, em que foi possível observar as flores, os enfeites e também identificar manifestações culturais em forma de música, cantada pelas famílias em homenagem aos defuntos.

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação
XVI Congresso IBERCOM, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 27 a 29 de novembro de 2019

Imagens 10 e 11: Visão geral do cemitério de Calderón no Dia dos Mortos



Fonte: A autora

Imagens 12, 13, 14 e 15: Música e oração do Dia dos Mortos



Fonte: A autora

| O que torna a celebração do Dia dos Mortos peculiar no cemitério de Calderón (e certamente de outros da região) é a tradição de levar alimentos como forma de agradar e homenagear os mortos e comer junto à tumba dos entes queridos. Esta cena foi verificada em diversos túmulos espalhados pelo cemitério, onde havia uma reunião de pessoas.

As tradicionais *guaguas de pan* com *colada morada*, assim como as *uchucutas* e outros alimentos típicos da culinária equatoriana, como milho e pratos à base de galinha e carne de porco, eram compartilhados entre os familiares e vizinhos em meio aos túmulos.

Imagens 16 e 17: Pratos típicos fazem parte da celebração de culto aos finados



Fonte: A autora

No que se refere à partilha de alimentos, Massimo Montanari (2008) observa que a comida é cultura quando produzida, preparada e consumida. Como fenômeno de identidade, a comida ocupa, segundo o historiador, lugar destacado nos processos de formação cultural. O ato de comer, que assume valor comunicativo, é revestido de conteúdos simbólicos: “o sistema alimentar contém e transporta a cultura de quem o pratica, é depositário das tradições e da identidade de um grupo” (MONTANARI, 2008, p. 183).

De acordo com as observações realizadas, é possível reconhecer as práticas culturais de celebração do Dia dos Mortos – tais como a comida, a produção artesanal e as práticas e rituais compartilhados coletivamente - como referências importantes para a compreensão de um sistema cultural. As interações sociais, a identificação de grupos que partilham referências culturais próprias e a incorporação de tradições seculares no cotidiano dos equatorianos fazem desta data um referente da cultura popular no país.

Considerações finais

Conforme foi possível observar por meio do registro dos principais hábitos e tradições presentes no cemitério da comunidade de Calderón, a celebração do Dia dos Mortos guarda estreitas relações com a identidade cultural indígena e representa um modo de comunicação com o sagrado. Neste sentido, elementos como a comida, o artesanato e as práticas que estabelecem a relação com a morte assumem papel de registro e transmissão da cultura.

As vivências cotidianas são reveladoras da presença de aspectos tradicionais da celebração aos mortos na cidade de Quito. Este aspecto pode ser verificado no hábito de produzir e consumir certos produtos na proximidade da data e também na incorporação de elementos culturais que integram o ritual do Dia dos Mortos no cardápio de diferentes estabelecimentos comerciais. Tratam-se das dinâmicas da cultura que circulam entre o popular e as apropriações pelo mercado, ainda que parciais.

Mesmo diante dos limites para a realização de um trabalho de observação de uma celebração popular, devido ao acompanhamento pontual da data em que ocorrem as manifestações, pode-se dizer que a perspectiva do ‘olhar etnográfico’ contribuiu para a identificação de marcas e símbolos da cultura que se apresentam como sistemas comunicativos. É neste sentido que a abordagem folkcomunicacional oferece elementos para desvendar o significado cultural e o potencial de representação presentes nas celebrações populares, enfocando-os enquanto um processo amplo e multifacetado de comunicação.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BORGES, Ana Isabel; NERCOLINI, Marildo José. A (im)possibilidade da tradução cultural. In: Congresso Brasileiro de Hispanistas, 2, 2002, São Paulo. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000300006&lng=en&nrm=abn. (último acesso: 22/10/2019).

BOTELHO, Daira Martins; GOBBI, Maria Cristina. Día de los Muertos no México: Uma análise folkcomunicacional. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, vol. 17, n. 38,

2019, p. 200-216. Disponível em:

<https://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/2373/563563691>. (último acesso: 22/10/2019).

CARNEIRO, Henrique S. “Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação.” **História: Questões & Debates**, n. 42, 2005, p. 71-80. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewArticle/4640>. (último acesso: 20/10/2019).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. 2ª edição. São Paulo: Global Editora, 2002; CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global Editora, 2001.

EL TELÉGRAFO. Figuras de mazapán tienen 8 décadas de historia. 29 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.eltelegrafo.com.ec/noticias/quito/1/figuras-mazapan-tradicion-calderon-quito>. (último acesso: 20/10/2019).

GUSHIKEN, Yuji. Usos midiáticos na constituição de circuitos culturais e comunicacionais populares urbanos. **E-Compós**, v.11, n.1, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/244/263>. (último acesso: 20/10/2019).

JOYAS DE QUITO. Artesanías de masapán, emblema de Calderón. s/d. Disponível em: https://web.archive.org/web/20090124054057/http://joyasdequito.com/index.php?option=com_content&task=view&id=33&Itemid=17 (último acesso: 20/10/2019).

LA HORA. Uchucuta, comida tradicional que se prepara para compartir entre familiares y vecinos en los cementerios de la localidad conmemorando el 2 de Noviembre, día de los defuntos. 02 de novembro de 2018. Disponível em: <https://lahora.com.ec/noticia/1102197740/la-uchucuta-la-bebida-que-preparaban-los-indigenas-en-esta-epoca>. (último acesso: 20/10/2019).

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749>. (último acesso: 18/12/2018).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Senac, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SILVA, Lawrenberg Advíncula; CARDIAL, Marcos. Estudando folkcomunicação na feira livre de Alto Araguaia, Mato Grosso. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, vol. 1, n. 18, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1452/1027>. (último acesso: 20/10/2019).

TRIGUEIRO, Osvaldo. **Folkcomunicação & ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus, 1998.

WOITOWICZ, Karina Janz. Folkcomunicação nas festas populares: Elementos para uma proposta de registro e análise da cultura popular no Paraná. Anais do 35º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-2318-1.pdf>. (último acesso: 10/06/2018).

WOITOWICZ, Karina Janz. Folkcomunicação em perspectiva etnográfica: contribuições para as práticas de ensino em Jornalismo. Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba/PR. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2676-1.pdf>. (último acesso: 18/10/2019).